

## A Solidão do Exílio: Análise do Mito Judaico-Cristão do Judeu Errante no Poema “O Exilado”, de Fagundes Varela

Yasmin Amorim Viana de Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o poema “O exilado” (1892), de Fagundes Varela, tendo em vista a interpretação do mito do Judeu Errante, valendo-se de leituras sobre o Romantismo, além de temáticas sobre a solidão e do desterro, os quais estabelecem, por meio do deslocamento, a marginalidade e o exílio. As reflexões estão ancoradas em Jean Delumeau (2009), Kênia Pereira (2014), João Pedro Bellas (2016), Regina Igel (2008), dentre outros autores. O trabalho resultou em uma relevante relação entre o Judeu Errante e o exilado de Varela, que se dá pelas semelhanças nas histórias do Judeu e do eu lírico, pela marca de rebeldia e de questionamento em ambos e por aproximação de imagens poéticas.

**Palavras-chave:** Judeu Errante; Romantismo; Fagundes Varela; Poesia Brasileira.

**Abstract:** This article analyzes the poem “O exilado” (1892), by Fagundes Varela, considering the interpretation of the myth of the Wandering Jew, using writings about Romanticism, as well as themes about loneliness and banishment, using displacement to establish marginality and exile. The reflections are anchored in Jean Delumeau (2009), Kênia Pereira (2014), João Pedro Bellas (2016), Regina Igel (2008), among others authors. The work resulted in a relevant relationship between the Wandering Jew and the exile from Varela, which is due to the similarities in the stories of the Jew and the lyrical self, the mark of rebellion and questioning in both and the proximity of poetic images.

**Keywords:** Wandering Jew; Romanticism; Fagundes Varela; Brazilian Poetry.

Fagundes Varela (1841-1875)<sup>2</sup> foi um importante poeta do Romantismo brasileiro. Nasceu em São João Marcos, no Rio de Janeiro, cursou a faculdade de Direito, mas nunca encerrou o curso, dedicando-se à vida literária. Ele viveu uma vida boêmia e casou-se duas vezes. O primeiro casamento foi marcado por polêmicas, já que sua esposa era artista de circo, e pela morte precoce de seu primeiro filho, que levou o poeta a escrever em homenagem a ele um de seus mais conhecidos poemas, “O Cântico do Calvário”. Posteriormente, sua esposa vem a óbito e, com situação financeira delicada, o poeta cede ao alcoolismo e à vida desregrada. Em contrapartida, a inspiração criativa para a escrita também se acentua. Depois, Varela se casa novamente, tendo desse novo casamento duas filhas e um

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pelo Instituto de Letras e Linguística - ILEEL na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Este artigo é o produto final de Iniciação Científica, desenvolvida no Laboratório dos Estudos Judaicos (LEJ), da mesma universidade, sob a orientação do professor doutor Wendel de Souza Borges e da coorientação da professora doutora Kênia Maria de Almeida Pereira. Email: yasminamorimviana@gmail.com

<sup>2</sup>BIOGRAFIA. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<https://www.academia.org/br/academicos/fagundes-varela/biografia>>. Acesso em: 04 jun. 2023

filho, este também falecido de modo prematuro. Infelizmente, o poeta morreu precocemente, aos 33 anos, vítima de um derrame cerebral. O autor escreveu alguns trabalhos em prosa, mas dedicou-se, sobretudo, à poesia. Mesmo que seus poemas transitem por temáticas diversas, ele é classificado por teóricos, como Antonio Candido (2007, p. 54), como pertencente à segunda geração romântica, ou ultrarromantismo, pois apresenta características tais como a fuga da realidade e o exagerado pessimismo.

Varela teve nove obras publicadas, algumas em vida, outras postumamente. Sua primeira publicação foi o livro de poesia *Noturnas* (1861). Após, são destaques de sua bibliografia o *Vozes d'America* (1864) e o *Cantos e fantasias* (1865). A poética vareliana é versátil e percorre aspectos patrióticos, religiosos, amorosos e bucólicos, mas tais facetas do autor não o tornam contraditório, porque ele, segundo Candido (2000, p. 231),

deixou a marca de uma personalidade versátil, mas bem delimitada por certos rasgos denotadores de vocação poética [...]. A atmosfera romântica, ainda bastante densa, terá contribuído para amparar-lhe a inspiração, estimulando-a por caminhos mais ou menos estabelecidos; doutro lado, é o momento do primeiro ímpeto criador, em geral o melhor nos temperamentos facilmente esgotáveis do romantismo e, certamente, o mais propício num espírito ameaçado pelo álcool.

Em concordância com Candido, percebemos esse caráter multifacetado do autor como um incentivo e um desafio ao seu estudo, e propomos neste artigo uma compreensão desse poeta eclético, tendo como foco o poema “O exilado”, que aparece, inicialmente, em *Vozes d'America* (1864), obra que adianta temas como liberdade, justiça social e escravidão, com um olhar sobre o continente latino-americano (Candido, 2002, p. 73), e futuramente explorados por poetas como Castro Alves e Sousândrade. É importante salientar que utilizaremos a versão do poema presente na coletânea *Obras Completas* (1892) e que desde o título, “O exilado”, o texto evidencia e assimila uma figura como pertencente a toda sociedade, já que ela está em toda parte. Esse indivíduo exilado, por sua situação de errância e de rejeição, pode ser facilmente relacionado ao Judeu Errante, personagem mítico, que vive pela eternidade em uma solidão sem fim.

Engendrado na Idade Média, o mito do Judeu Errante nasce das narrativas orais disseminadas pelas pregações eclesiásticas que visavam um ponto de vista antijudaico, ensejando na população cristã uma perseguição ao povo de Israel. Registrado na obra *Flores Historiarum* (1237), por Roger de Wendover, o mito reconta o relato de um bispo da Armênia que afirmou ter se encontrado com um judeu que estava presente na crucificação de Cristo. Logo, a história torna-se tão errática quanto o personagem, adquirindo, no decorrer do tempo,

## A Solidão do Exílio: Análise do Mito Judaico-Cristão do Judeu Errante no Poema “O Exilado”, de Fagundes Varela

várias versões, sendo a mais corrente a de que um sapateiro negou água, abrigo e esbofeteou Jesus quando levava a pesada cruz ao Calvário. Por isso, foi amaldiçoado a vagar sem descanso até o suposto retorno do Messias.

Tal mito também está presente na cultura brasileira desde a colonização do Brasil, mantendo-se até a atualidade. O Judeu Errante é um personagem existente no imaginário cultural brasileiro através da influência das narrativas católicas, usadas principalmente na Semana Santa, como explica Regina Igel (2008, p. 579):

Tais narrativas passaram ao conhecimento da população católica brasileira, principalmente no decorrer da celebração da Semana Santa. No Sábado de Aleluia, Judas era confundido, na imaginação popular, com Ahasverus, ou então, como um judeu arrependido e convertido ao Cristianismo. Na cultura católica popular do Brasil, o judeu errante ganha uma configuração de arrependimento e é imaginado, como se verá num romance de Sérgio Couto (mais adiante), como aquele que se converte ao Cristianismo, em meio a seus remorsos.

Compreendendo a força de sua presença, não nos surpreende que esse personagem tenha despertado o interesse de escritores de épocas distintas e, no Brasil, poetas como Castro Alves, Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade dedicaram poemas ao mito, respectivamente em “Ahasverus e o gênio” (1870), “Judeu Errante” (1933) e “A incômoda companhia do Judeu Errante” (1968).

Desse modo, argumentamos que também é possível ver uma relação com o Judeu Errante no poema “O exilado”, do poeta romântico Varela, visto que apresenta um eu lírico que, nas mais diversas situações, percebe a solidão do exílio. Por isso, buscaremos realizar uma análise literária desse poema, para compreendermos o mito judaico-cristão do Judeu Errante, como ele é representativo para o poeta do Romantismo, que constrói a imagem do sujeito em constante exílio, e em que se assemelharia à saga do povo judeu.

A mitologia sobre o Judeu Errante é uma questão que atravessa séculos, envolvendo minorias, guerras e a diáspora do povo judeu que, em seu constante exílio, é permeado pelo isolamento, pela repulsa e pela exclusão. Para entender esse grupo, é inevitável o contato com o mito do Judeu Errante, uma narrativa que compõe o imaginário popular e que diz respeito justamente ao exílio. Assim, é preciso tornar frequente o diálogo com a herança judaica, pois diversas vezes o antissemitismo emerge de forma brutal e perigosa, como a própria *Shoah*, ocorrida há menos de 100 anos, um passado deveras recente.

Jean Delumeau (2009, p. 417) afirma que, antes do século XI, o antijudaísmo não era popular e os judeus conviviam com a população local, tendo sido acolhidos por algumas nações, como a Polônia e a Espanha. Contudo, passaram a ser enxergados como inimigos e “agentes de satã” a partir da crise da Igreja, por meio de um processo mais religioso do que econômico:

Enfim, a longa crise da Igreja iniciada com o Grande Cisma, e alimentada pelas guerras hussitas, o avanço turco e finalmente a secessão protestante engendraram nos meios eclesiásticos endurecimentos doutrinários e maior medo do perigo judeu. Daí a multiplicação dos escritos antijudaicos, os confinamentos, as expulsões, até mesmo na Espanha, a recusa de deixar os próprios conversos em postos de responsabilidade. Os judeus haviam se tornado, por razões essencialmente religiosas, inimigos internos (Delumeau, 2009, p. 422).

No momento de crise, o povo judeu se tornou o “bode expiatório” utilizado pela Igreja da época, mesmo não sendo o principal culpado dos eventos ocorridos após o Cisma do Ocidente, ou Grande Cisma<sup>3</sup>. O preconceito contra esse grupo acabou adquirindo força nas palavras de líderes religiosos da época, o que refletiu em registros escritos contra os judeus. Um exemplo de texto escrito e de largo consumo é o *exemplum* medieval, uma história usada pelos pregadores que era inserida e verbalizada em seus discursos para exemplificar algo, de forma que os ouvintes assimilassem melhor determinada lição, conforme expõe Jacques Le Goff (1989, p. 158). Este estudioso analisa alguns desses textos medievais em que os judeus aparecem, e em nenhum caso eles são protagonistas das histórias, apenas personagens secundários, pois o foco delas seriam os próprios cristãos e sua salvação. Assim, as histórias associam os cristãos a aspectos positivos e os judeus a negativos (Le Goff, 1989, p. 165-166).

Nesse período, nota-se a presença de discriminação também no teatro, grande mecanismo de caráter moralizador, que acabou por funcionar como uma “catequese antijudaica”, devido à quantidade de peças que abordaram o tema, como *Autos de destruição de Jerusalém*, *Autos do Anticristo*, *Autos do Juízo Final*, *Mistério de Assunção de... Maria*,

---

<sup>3</sup> “O regresso à Roma do Papa Gregório XI no ano de 1377 é tido como uma iniciativa corajosa da parte do Pontífice, principalmente por dar fim ao período compreendido como o ‘Exílio de Avinhão’ [...]. Entretanto, um ano transcorrido após sua chegada Gregório XI vem a falecer, levando os cardeais a uma eleição rápida e conturbada que colocará no Trono de São Pedro o arcebispo de Bari, Bartolomeo Prignano, sob o nome de Urbano VI. Quatro meses depois da escolha de Urbano VI, nova eleição é realizada por um grupo de cardeais dissidentes (em Agnani, Itália) que[,] por maioria de votos, declara como sendo nula sua posse. No seguimento, a 20 de setembro de 1378, desta vez na cidade de Fondi, o cardeal de Genebra, Roberto, é eleito Papa sob o nome de Clemente VII. Como primeira iniciativa, este muda a Cúria Pontifícia para Avinhão, dado que sua eleição acaba sendo invalidada em Roma por Urbano VI que ao mesmo tempo recusa-se a abandonar seu cargo. Instala-se assim o Cisma do Ocidente, evento que até o Concílio de Constança, convocado pelo então Imperador Sigismundo e finalmente encerrado em 1417, irá deixar a Cristandade dividida entre duas Sés Pontifícias, uma localizada em Avinhão e a outra em Roma, vindo a agravar-se mais com a eleição de um terceiro Papa por ocasião do Concílio de Pisa, em 1409” (Knowles; Obolenski, 1983, p. 445-456 *apud* Girardi, 2012, p. 47-48).

dentre várias outras que possuem o Judeu como um personagem que recebe a punição de Deus por suas ações (Delumeau, 2009, p. 423-424). Dessa maneira, atingindo também a opinião dos fiéis católicos, a aversão aos judeus se encadeou e seguiram-se a tortura, o boicote, a exclusão e a expulsão deles nos mais diversos países da Europa. Além disso, ocorreu uma tentativa de conversão dos judeus através da água benta, e os que se recusaram a se converter eram isolados dos demais; contudo, não tardou para que os recém-convertidos fossem vistos pela Igreja como uma nova ameaça, pois eles ainda eram marcados como o inimigo, agora “camuflado” pela conversão (Delumeau, 2009, p. 451).

Por esses motivos, o antijudaísmo da Idade Média não deve ser visto como um acontecimento isolado e espontâneo, mas como algo homogêneo, “unificado, teorizado, generalizado e clericalizado”, como conclui Delumeau (2009, p. 461). Tal aversão produziu no seu tempo a narrativa do Judeu Errante, pontuada por Igel (2008, p. 573) como um mito, porque possui caráter imaginativo e não é baseada em fatos históricos. Tendo em vista que o mito é grandemente afetado pelo consciente popular, ele mudou ao longo dos anos na sociedade e, conseqüentemente, na literatura que a reflete. Logo, faz-se necessário buscar um dicionário de mitos literários, como o organizado por Pierre Brunel (2005), para tentarmos compreender as alterações ocorridas nesse mito.

A condenação sofrida pelo Judeu é destacada no verbete de Marie-France Rouart (2005) como a mais terrível que poderia atingir o homem, pelo fato de que ele vagaria até o juízo final, vendo todos os homens morrerem, já que é imortal. Dessa forma, esse mito se torna imaginativo e dramático para quem o ouve e o lê, possibilitando uma heterogeneidade de imagens do protagonista dessa narrativa. A autora, no que diz respeito à visão artística atribuída ao Judeu Errante, ressalta dois momentos, um antes do século XVIII e um após ele: no primeiro, mostram-se duas tendências do Judeu Errante na arte, uma de dimensão épica, pelo fato de a narrativa envolver toda a história humana, e outra de dimensão de solidão e nostalgia, pelo fato de o Judeu ser uma espécie de “contador de histórias”, as quais sua imortalidade permite testemunhar; no segundo momento, o Judeu Errante passa por uma expansão em sua simbologia, na qual seu “vagar”, visto como maldição, é reinterpretado alegoricamente (Rouart, 2005, p. 666-667).

A transformação ocorrida na imagem do Judeu Errante no fim do século XVIII foi impulsionada pelo Iluminismo e pelo retorno das lendas nacionais, que permitiram a noção de um sincretismo novo, a individualização do personagem e a exaltação da linguagem das

emoções (Rouart, 2005, p. 667). Ademais, a valorização dos sentimentos vai ao encontro do movimento artístico romântico, que abraça tal mito, como aponta Kênia Pereira (2014, p. 3):

é a geração dos escritores românticos europeus, principalmente os da primeira fase, que irá recuperar, em suas obras, a simbologia do Judeu Errante, agora não mais como apenas o arrenegado ou o amaldiçoado de Deus, mas, também, como o desenraizado marginal e rebelde, o cosmopolita revolucionário e livre: qualidades, aliás, muito caras para a estética romântica. David Hoffmann, Schiller, Victor Hugo, Goethe, Edgard Quinet, Eugène Sue, Schubart, todos eles, em algum momento de suas carreiras literárias, serão visitados por este personagem exilado e subversivo, em seu contínuo e absurdo movimento.

No Brasil, tal movimentação não é diferente; o Judeu Errante também se expande na literatura brasileira, fazendo-se presente na produção de Varela. E o fato de o autor pertencer ao movimento romântico cabe destaque pela relação já citada entre ele e o referido mito. Munindo-nos da noção de Judeu Errante para os românticos e das características do próprio romantismo vareliano, como o pessimismo e a crítica social, acreditamos ser possível compreender melhor como esse mito se relaciona com o poema “O exilado”.

Vamos, então, à leitura do poema, para depois partirmos para a análise e a interpretação dele.

### **O exilado**

*O exilado está só por toda a parte!*

Passei tristonho dos salões no meio,  
Atravessei as turbulentas praças  
Curvado ao peso de uma sina escura;  
As turbas contemplaram-me sorrindo,  
Mas ninguém divisou a dôr sem termos  
Que as fibras de meu peito espedaçava.  
O exilado está só por toda a parte!

Quando, à tardinha, dos floridos valles  
Eu via o fumo se elevar tardio  
Por entre o colmo de tranquillo albergue,  
Murmurava a chorar: — Feliz aquelle  
Que á luz amiga do fogão doméstico,  
Rodeado dos seus, á noite, senta-se.  
O exilado está só por toda a parte!

Onde vão estes flocos de neblina  
Que o euro arrasta nas geladas azas?  
Onde vão essas tribus forasteiras  
Que á tempestade se esquivar procuram?  
Ah! que me importa?... também eu doudejo,  
E onde irei, Deus o sabe, Deus somente.

A Solidão do Exílio: Análise do Mito Judaico-Cristão do Judeu Errante no Poema “O Exilado”, de Fagundes Varela

O exilado está só por toda a parte!

Desta campina as arvores são bellas,  
São bellas estas flores que se vergam  
Das auras estivaes ao débil sopro;  
Mas nem a sombra que no chão se alonga,  
Nem o perfume que o ambiente inunda  
São d’essa gleba divinal que adoro.  
O exilado está só por toda a parte!

Molle e lascivo no tapiz da selva  
Serpêa o arroio, e o deslizar queixoso  
Peja de amor as solidões dormentes;  
Mas nunca o rosto reflectiu-me um dia,  
Nem foi seu borborinho enlanguecido  
Que embalou minha infância descuidosa.  
O exilado está só por toda a parte!

— Por que choraes? me perguntou o mundo;  
Contai-nos vossa dôr, talvez possamos  
Sanal-a ás gotas de elixir suave;  
Mas, quando eu suspendi a lousa escura  
Que o túmulo cobria-me da vida,  
Riram-se pasmos sem sondar-lhe o fundo.  
O exilado está só por toda a parte!

Vi o ancião da prole rodeado  
Sorrir-se calmo e bemdizer a Deus,  
Vi junto á porta da nativa choça  
As crianças beijarem-se abraçadas;  
Mas de filho ou de irmão o santo nome  
Ninguém me deu, e eu fui passando triste.  
O exilado está só por toda a parte!

Quando verei essas montanhas altas  
Que o sol dourava nas manhãs de agosto?  
Quando, junto á lareira, as folhas lividas  
Deslembrarei de meu sombrio drama?  
Douda esperança! as estações succedem-se  
E sem um gozo vou descendo á campa.  
O exilado está só por toda a parte!

Brandas aragens, que roçaes fagueiras  
Das maravilhas nas cheirosas fronteas,  
Aves sem pátria, que cortaes os ares,  
Irmãs na sorte do infeliz romeiro,  
Ah! levai um suspiro á pátria amada,  
Último alento de cansado peito.  
O exilado está só por toda a parte!

Quando nas folhas de lustrosos platamos  
Novos luares descançarem gratos,

Já sobre a estrada de meus pés os traços  
O pegureiro não verá, que passa!  
Miserô! ao leito de final descanso  
Ninguém meu somno velará chorando.  
O exilado está só por toda a parte! (Varela, 1892, p. 130).

O poema em questão apresenta 10 estrofes, composto de uma sétima em todas elas, com os versos livres, sem uso de rimas e de metrificacão regular. Varela faz o uso de um refrão, “O exilado está só por toda parte”, que se repete ao final de cada estrofe. Esse mecanismo possui uma significacão importante, visto que ressoa ao longo do texto garantindo, além de um caráter rítmico, uma intensidade da ideia apresentada. Conforme expõe Norma Goldstein (1991, p. 41), “Na verdade, entre uma aparicão do refrão e outra, como há versos que se intercalam, o tom do apelo vai ficando mais forte e denso, à medida que a leitura do poema avança”. O poema possui a temática do exilado, com um eu lírico que se enxerga angustiado por sua situacão e alheio ao mundo em sua solidão. Diante disso, o refrão demarca a força dessa solidão vivida pelo exilado, sua presença em toda parte e também uma intensidade ao longo das estrofes, que culminam na morte do eu lírico, narrada na última estrofe como solitária, já que ninguém estaria presente para velar seu corpo ou chorar por ele.

Antes de adentrar na análise do poema, é imprescindível abordarmos um pouco as características do Romantismo. Dentre os mais diversos aspectos do movimento citados por Afrânio Coutinho (1968), em *A literatura no Brasil*, para esta análise destacamos o individualismo, o subjetivismo, o escapismo e o reformismo. As duas primeiras características se valem da ideia de libertacão do indivíduo, pois o romântico preza por uma atitude íntima e pessoal; quanto ao escapismo e ao reformismo, Coutinho (1968, p. 6) explica:

É o desejo do romântico fugir da realidade para um mundo idealizado, criado, de novo, à sua imagem, à imagem de suas emoções e desejos, e mediante a imaginacão. [...] Essa busca de um mundo novo é responsável pelo sentimento revolucionário do romântico, ligado aos movimentos democráticos e libertários que encheram a época e na devoçao a grandes personalidades militares e políticas.

Cabe destacar que tais características se alinham até mesmo à vida pessoal de Varela, como versa Alfredo Bosi (2015), em *História Concisa da Literatura Brasileira*: “A psicologia da fuga levou o eterno adolescente à bebida e à existência errante, o que espelhava a sua incapacidade romântico-decadente de aceitar e, naturalmente, de transformar as pressões do meio” (Bosi, 2015, p. 98). Assim, entendemos que há a presença de tais aspectos tanto na vida pessoal de Varela como em sua poesia; tal qual os românticos fazem, a relação com o Judeu Errante é possível, afinal há uma busca por um herói romântico diante do patriotismo e das

A Solidão do Exílio: Análise do Mito Judaico-Cristão do Judeu Errante no Poema “O Exilado”, de Fagundes Varela

injustiças expressas; e o exagero existente no Romantismo esclarece bem a viável relação com uma figura do passado, grandiosa e presente, como o Judeu Errante.

Analisando o poema, percebemos, já na primeira estrofe, um eu lírico triste que vaga: “Passei tristonho dos salões no meio, / Atravessei as turbulentas praças / Curvado ao peso de uma sina escura”. Tal trecho inicial permite uma aproximação com a subjetividade do movimento romântico e com o mito do Judeu Errante, que, da mesma forma que o eu lírico, também carrega uma sina, um destino inevitável, que é o de vagar eternamente. Nos versos que se seguem, é demonstrado um pessimismo que se expande em uma dor gigante, como nos versos: “Mas ninguém divisou a dôr sem termos / Que as fibras de meu peito espedaçava”. A segunda estrofe ressalta novamente a tristeza da solidão que o faz chorar, pois encontra a solidão em momentos diários: “— Feliz aquelle / Que á luz amiga do fogão doméstico, / Rodeado dos seus, á noite, senta-se.”. Nesse contexto, cabe destacar que Coutinho (1968, p. 7) também coloca o exagero como aspecto romântico e Varela faz uso dele através da intensidade do sentimento expresso.

O poeta de “O exilado” constrói, na terceira estrofe, duas metáforas interessantes de aproximação com o eu lírico, no que diz respeito à errância e ao afastamento do local ao qual pertence: os flocos de neblina que são levados para longe pelos ventos do leste e as tribos, que, além de forasteiras, fogem da tempestade. Tais imagens auxiliam na delineação desse eu lírico que vaga sem saber para onde vai, como exposto em: “E onde irei, Deus o sabe, Deus somente.”. E a menção à figura de Deus colabora com a aproximação do poema ao mito estudado, visto que o castigo sofrido pelo Judeu foi uma punição divina.

É possível imaginar, em um caminhar errante, os mais belos locais avistados, porém esse eu lírico, mesmo diante de belas árvores, flores e perfumes, afirma que ainda não são como os locais de sua pátria: “Mas nem a sombra que no chão se alonga, / Nem o perfume que o ambiente inunda / São d’essa gleba divinal que adoro.”, vendo sua terra de origem como divinal. Completando a imagem de solidão da voz poética em relação ao Judeu, a quinta estrofe destaca que esse afastamento ocorre desde a infância: “Mas nunca o rosto reflectiu-me um dia, / Nem foi seu borborinho enlanguecido / Que embalou minha infância descuidosa.”. Esse sentimento expresso ganha intensidade na repetição ao longo do texto, da mesma forma que o refrão “O exilado está só por toda a parte!”, como já explicado. A sétima estrofe evidencia essa mesma solidão na falta de companhia, através da imagem de um ancião sorrindo tranquilamente e duas crianças se beijando, e a voz poética sublinha que nunca

possuiu tais vivências: “Mas de filho ou de irmão o santo nome / Ninguém me deu, e eu fui passando triste.”.

Ademais, percebemos a exclusão social do eu lírico na sexta estrofe, uma vez que ele chora e sofre, e, quando questionado pelo mundo sobre suas razões para isso, debocham de sua situação: “Mas, quando eu suspendi a lousa escura / Que o túmulo cobria-me da vida, / Riram-se pasmos sem sondar-lhe o fundo. / O exilado está só por toda a parte!”. Notamos o questionamento como uma marca de rebeldia, na medida em que há um incômodo em relação à situação vivida e um desejo de mudança. E destacamos a antecipação de Varela à crítica social, que adquire espaço na terceira geração do Romantismo, a qual também dá voz ao Judeu Errante, como no poema “Ahasverus e o gênio”, de Castro Alves. A presença do Judeu na poesia do autor de *Espumas Flutuantes* é explicada do seguinte modo:

Se Ahasverus é a metáfora dos que vivem em eterno exílio, é também dos que vivem eternamente sozinhos. Ainda para Antonio Candido, Ahasverus seria o eixo estruturador da poesia de Castro Alves, uma vez que o Judeu Errante representaria, além da metáfora da solidão, o “símbolo da luta eterna da humanidade, em busca da redenção e justiça (como Quinet) e também símbolo do gênio” (Candido, 1981, p. 269).

Tanto Ahasverus como o gênio são considerados, pela vertente romântica, figuras messiânicas, condutoras dos povos, e se assemelham ao vate (Pereira, 2014, p. 9).

Acreditamos que, em “O exilado”, a articulação com o Judeu Errante ocorre pelos mesmos motivos que no texto de Alves, porque o sentimento do exílio muito se aproxima da solidão, tanto do eu lírico quanto do Judeu, e a luta eterna por justiça é visível nos questionamentos desse último. A voz poética, além de rebelde, é excluída e zombada. Esse olhar para o indivíduo excluído produz uma relação franca com o Judeu Errante, comprovada pelo destaque que Rouart (2005, p. 667) dá para a significação dele, com o Romantismo, como uma figura de existência marginal.

Também colaboram com a análise de um eu lírico rebelde os questionamentos que ele faz ao longo do poema, como, na terceira estrofe, ao questionar para onde vão os flocos de neblina e as tribos forasteiras, e na oitava: “Quando verei essas montanhas altas / Que o sol dourava nas manhãs de agosto? / Quando, junto à lareira, as folhas lividas / Deslembrarei de meu sombrio drama?”. Dessa maneira, o eu lírico não aceita sua situação calado; ele sofre, mas indaga sobre sua situação. Logo, além de ter uma rebeldia de questionar, o fato de ele ter a voz poética coloca o protagonismo nele, uma figura que possivelmente seria esquecida.

Ainda há, no poema de Varela, dois símbolos que muito se relacionam à saga do Judeu: as aves sem pátria e o romeiro. Ambas as figuras vagam, as aves voam sem rumo por não

A Solidão do Exílio: Análise do Mito Judaico-Cristão do Judeu Errante no Poema “O Exilado”, de Fagundes Varela

terem para onde voltar, já que não possuem pátria; o romeiro, tal qual o Judeu, vive em uma peregrinação. Desse modo, os versos “Aves sem pátria, que cortaes os ares, / Irmãs na sorte do infeliz romeiro, / Ah! levai um suspiro á pátria amada, / Último alento de cansado peito.” têm uma simbologia inegável com a jornada histórica dos judeus, que até certo tempo vagaram sem pátria em uma peregrinação sem fim, e com a narrativa do mito frente ao cansaço de vagar eternamente. Também é necessário ressaltar a simbologia da ave que, por voar nos céus, encontrar-se-ia entre o céu e a terra, entre o divino e o mundano, aspectos que se articulam ao mito, devido à sanção divina imposta ao Judeu. No *Dicionário de Símbolos* (2001), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, o verbete Pássaro/Ave ressalta essa ideia:

O vôo dos pássaros os predispõe, é claro, a servir de símbolo às relações entre o céu e a terra. Em grego, a própria palavra foi sinônimo de presságio e de mensagem do céu [...]. No Corão, a palavra pássaro é muitas vezes tomada como sinônimo de destino [...], o pássaro é tomado também como símbolo de imortalidade na alma do Corão e na poesia [...]. O pássaro, símbolo de alma, tem um papel intermediário entre a terra e o céu (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 687-688).

A figura do Judeu Errante se assemelha à ave sem pátria, tanto na relação divina quanto na noção de imortalidade de um destino inevitável, por isso essa imagem é relevante e sagaz, pois agrega um sentido ainda mais amplo para o poema. Quanto ao romeiro, em definição, é um termo muito atribuído a peregrinações religiosas que possuem um início e um retorno. Esse símbolo, na contemporaneidade, adquire um sentido ainda mais amplo ao se relacionar com a história dos judeus, uma vez que desde 1948, com a fundação de Israel, essa peregrinação dos judeus tem um fim, como também aponta Igel (2008) sobre o Judeu andarilho moderno. No *Dicionário de Símbolos*, não há um verbete para romeiro, contudo, a definição de peregrino se encaixa e complementa essa análise, já que ele se sente estrangeiro tal qual o exilado:

Símbolo religioso que corresponde à situação do homem sobre a terra, o qual cumpre seu tempo de provações, para alcançar, por ocasião de morte, a Terra Prometida ou o Paraíso perdido. O termo designa o homem que se sente estrangeiro dentro do meio que vive, onde não faz outra coisa senão buscar a cidade ideal. O símbolo exprime não apenas o caráter transitório de qualquer situação, mas o desprendimento interior, em relação ao presente [...]. Pode-se notar, com relação ao símbolo do peregrino, as idéias de expiação, de purificação (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 709).

Essa figura que aguarda o julgamento final obviamente está só e o eu lírico de Varela frisa essa situação terrível na estrofe final: “Misero! ao leito de final descanso / Ninguém meu somno velará chorando. / O exilado está só por toda a parte!”. O sofrimento mostrado de forma exponencial, ao longo dos versos, corresponde a já citada ideia de Rouart (2005) de que a sanção imposta ao Judeu é a mais terrível para o homem. E acreditamos que essa relação desequilibrada e injusta faz com que o poeta atinja a condição divina no isolamento, conforme esclarece Candido (2000, p. 26):

Assim, o isolamento a que o poeta romântico se deixa levar pela própria grandeza, sendo aparentemente desumana, seria na realidade o sinal de sua predestinação; e o auditório sacrifica a este algo, que lhe parece mais essencial, mais poderoso, a perda sociabilidade arcádica. No máximo do isolamento o poeta atinge a condição divina, despojando-se de si mesmo para se dar à sua cruz [...]. Uma nova relação, portanto, em que a estatura do artista cresce até encontrar no isolamento a atmosfera predileta. Grandeza, missão, isolamento – posições novas, que motivarão outras, afastando-se cada vez mais do equilíbrio neoclássico, em benefício de um desequilíbrio novo, condicionado pela nova situação do artista em relação à palavra com que se exprime.

Grandeza, missão e isolamento: aceitamos que tais posições elucidam bem como o exilado se expressa de forma geral no poema de Varela, esse eu lírico que, sob o olhar do Judeu Errante, é grandioso em sua história e possui uma missão solitária de errância eterna.

No que diz respeito à imagem do exilado, concordamos com a análise vareliana feita por João Pedro Bellas (2016) de que é possível encontrar em seus poemas o conceito de sublime definido por Edmund Burke, em sua obra *Investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo* (1757), conjugada à divisão proposta por Thomas Weiskel (1994) entre um sublime negativo e outro positivo. Bellas (2016, p. 2487) argumenta que o poema “A sede”, de Varela, possui uma espécie de sublime terrível, porque apresenta ideias de dor e de terror, bem como perigo diante de situações desconhecidas. O pesquisador inclusive cita o escritor H. P. Lovecraft, para explicar melhor a ideia do sublime provado pelo medo, que se mostra no poema de forma negativa: “[a] emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido” (Lovecraft *apud* Bellas, 2016 p. 2489). Esse sentimento em relação ao desconhecido existe desde o início dos tempos e causa certo estranhamento nas pessoas. Zygmunt Bauman (2017) discorre sobre o medo dos “estranhos” em seu livro *Estranhos à nossa porta*:

A Solidão do Exílio: Análise do Mito Judaico-Cristão do Judeu Errante no Poema “O Exilado”, de Fagundes Varela

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como o são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar. Pelo que conhecemos, o influxo maciço de estranhos pode ser o responsável pela destruição das coisas que apreciávamos, e sua intenção é desfigurar ou abolir nosso modo de vida confortavelmente convencional [...]. E a ignorância quanto a como proceder, como enfrentar uma situação que não produzimos nem controlamos, é uma importante causa de ansiedade e medo. Esses são, poderíamos dizer, problemas universais e atemporais quando há “estranhos em nosso meio” (Bauman, 2017, p. 10).

Tal sentimento atemporal permanece na crise imigratória em que vivemos e tanto Bauman como Varela apontam sobre a dificuldade de lidar com o estranho. O eu lírico do poema, como já afirmado, não se encaixa entre os demais e está por toda parte. Tendo isso em vista, interpretamos que “O exilado” também compartilha de uma visão de sublime terrível burkeano, na medida em que o eu lírico expressa dor e é desconhecido e “estranho” em relação às outras pessoas. Entretanto, é interessante pontuarmos que as demais pessoas não apresentam necessariamente uma reação de medo diante do exilado, mas sim de indiferença e de ridicularização. Então, entendemos que o instinto de autopreservação, compreendido por Bellas (2016) como resultado do medo do desconhecido, acontece em “O exilado” de outra maneira, por meio da negligência e do desdém, sentimento, aliás, mais típico da contemporaneidade frágil, que Varela, novamente, antecipa em sua poesia.

Por fim, enfatizamos a dualidade construída pelo poeta em torno de uma figura que é banida e marginalizada, o exilado, mas que ao mesmo tempo está em todo local, em função de sua caminhada eterna. Por conta desse paradoxo tão atual frente aos mais diversos exilados da sociedade, o escritor permite reverberar a mensagem da necessidade de atender aos excluídos e fragilizados. E ainda é importante mencionarmos que há uma bibliografia que complementa este estudo sobre a poesia vareliana, a tese *Retratos da escravidão em Vozes d’América (1864)*, de Fagundes Varela (2019), de Rebeca Aparecida Mega, na qual a autora analisa o negro como protagonista romântico de outros poemas do *Vozes d’América (1864)*, mesmo livro em que se encontra o objeto deste artigo. Desse modo, fica ainda mais evidente a intenção do autor de escapar da realidade injusta em que os exilados, como os escravos e os judeus, viviam e de colaborar com a sociedade da época.

A partir do que foi exposto, retomamos a origem do mito do Judeu Errante: a Idade Média. Hilário Franco Jr. (2008) ressalta, em seu texto *Somos todos da Idade Média*, a necessidade de perceber que a herança desse período continua viva em diversas situações. Logo, salientamos que a presença do mito do Judeu Errante é uma dessas heranças. No entanto, a transformação da visão dos judeus na literatura colabora com a ideia de um Judeu Errante por uma característica incorrigível, mas não eterna, segundo explica Igel (2008, p. 576). Dessa maneira, acreditamos que esta análise contribuiu para a ressignificação do mito na atualidade.

Além disso, o povo judeu, sua cultura e sua história colaboraram, assim como outros povos, para a formação histórica, social e cultural brasileira. Portanto, entendermos o complexo contexto mundial em que estão inseridos é compreendermos como os excluídos também influenciam as sociedades, muitas vezes tornando-se personagens a denunciar, por meio da literatura, as mazelas sociais. Conseqüentemente, a imagem do exilado de Varela agrega para a compreensão crítica da sociedade.

Com o estudo realizado, concluímos que existe uma associação bem plausível entre o poema e o mito, este ampliando os horizontes de significação do texto literário. Varela mostra um eu lírico que sofre diante de sua peregrinação solitária, o que muito se assemelha ao Judeu Errante em sua errância sem fim. Ademais, percebemos que a noção marginal do Judeu, apresentada pelo Romantismo europeu, chegou ao Romantismo brasileiro com o exilado de Varela, expressando todas as suas emoções através da tristeza e da solidão vividas pelo banimento.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BELLAS, João Pedro. Terror e melancolia: o sublime na poesia de Fagundes Varela. In: **XV encontro ABRALIC**, 2016, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do XV encontro ABRALIC – 19 a 23 de setembro de 2016. p. 2483-2491.

BIOGRAFIA. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/fagundes-varela/biografia>>. Acesso em: 04 jun. 2023.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

A Solidão do Exílio: Análise do Mito Judaico-Cristão do Judeu Errante no Poema “O Exilado”, de Fagundes Varela

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. Tradução, apresentação e notas de Enid Abreu Dobránsky. Campinas, SP: Papirus, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. v. 2. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva *et al.* 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COUTINHO, Afrânio (org.) **A literatura no Brasil**. v. 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: Uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRANCO JR., Hilário. Somos todos da Idade Média. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 30, p. 58-61, 2008.

GIRARDI, Leonardo. A política pendular de D. Fernando I de Portugal (1367-1383) e sua relação com o Cisma do Ocidente (1378-1383). **Revista Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 45-69, 2012.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

IGEL, Regina. O incorrigível judeu errante como figura literária no Brasil. **Revista de Cultura e Turismo**. Santa Cruz, v. 2, n. 2, p. 571-598, jan. 2008.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente**. Tradução de José António Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1989.

MEGA, Rebeca Aparecida. **Retratos da escravidão em Vozes d’América (1864), de Fagundes Varela**. 2019. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. O andarilho e o romântico: o mito do Judeu Errante em Castro Alves. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 1-16, out. 2014.

ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. *In*: BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 665-671.

VARELA, Fagundes. **Vozes d'America**: poesia. São Paulo: TYP. Imparcial de J.R. de Azevedo Marques, 1864.

VARELA, Fagundes. **Obras completas**. v. 1. Rio de Janeiro: Garnier Livreiro Editor, 1892.

WENDOVER, Roger. **Flores Historiarum**. Latin Edition. Charleston: Nabu Press, 2010.